

As consoantes R/r na cadeia silábica

0.

A vibrante uvular [R] e a vibrante múltipla dento-alveolar [r̃] coexistem no Português Europeu com amplas possibilidades de se comutarem entre si, mas sem efeitos distintivos. Palavras como *rato* e *palrar*, por exemplo, registam-se foneticamente já seja em [Rátu] ou [r̃átu], [pa|Rár] ou [pa|r̃ár], sem que dessas pronúncias alternativas resultem alterações de significado.

O facto de [R] e de [r̃] não se disputarem exclusividade contextual desmereceu-lhes a classificação tradicional de alofones, tendo a dento-alveolar sido legada para o plano das variantes regionais, enquanto que a uvular conquistou assento na matriz fonológica da língua. Teria sido incómodo observar, numa perspectiva Trubetzkoyana que [R] e [r̃], não sendo variantes contextuais de um mesmo fonema, também não são, propriamente variantes regionais, embora a sua incidência varie geograficamente.

A uvular é opcional regional e individualmente enquanto que a dento-alveolar é obrigatória em determinadas construções silábicas, independentemente da região ou do sujeito falante. Repare-se que, na palavra *palrar* é possível escolher entre a uvular e a dento-alveolar —[pa|Rár] ou [pa|r̃ár]—. O mesmo não acontece na palavra *parlamento* onde a dento-alveolar é exigida em detrimento da

1. Utilizo a classificação fonética que habitualmente é atribuída a estes sons

uvular—[pɑʔlametu] e não \*[pɑʔlametu]—.O contexto não será

propriamente o responsável por este comportamento fonológico já que, no par de palavras referido os sons vizinhos a R/ř são exactamente os mesmos, o que exclui a possibilidade de captar este processo numa regra fonológica.

Visto numa perspectiva silábica, a formação interna das líquidas e das vibrantes em termos de elementos e o seu "charm" justifica os padrões de combinações que estes sons exibem.

Neste trabalho iremos demonstrar que existe uma justificação silábica para o comportamento destes dois sons que transcende, nalguns casos, as opções dos falantes.

### 1. As representações silábicas da consoante [r]

Iremos partir da análise da consoante simples [r] e das suas combinações silábicas com outros sons na cadeia fónica para procurarmos entender a razão por que este som não se realiza em determinadas situações silábicas que, por seu lado, recebem R/ř. Silabicamente, [r] comporta-se do seguinte modo:

A— Liga-se a um ataque por um ponto esquelético, entre núcleos. São exemplos as palavras *caro* e *amar*:

(1)a.

A	N	A	N
x	x	x	x
k	a	r	u

(1)b.

N	A	N	A	N
x	x	x	x	x
a	m	a	r	

B — Entra na formação de ataques ramificados na posição de complemento. São exemplos as palavras *prato* e *bruma*,

(2)a.

A	
x	x
p r a t u	

(2)b.

A	
x	x
b r u m a	

C— Ocorre também na composição das rimas, na posição de coda, como nas palavras *circo* e *carmo*.

(3)a.

R			
A	N	A	N
x	x	x	x
s i r k u			

(3)b.

R			
A	N	A	N
x	x	x	x
k a r m u			

D— [r] não se realiza no princípio de palavra

A situação silábica no início de palavra é a de um ataque que não está precedido de núcleo. Nestas condições, [r] não se realiza.

(4)

rato [Rátu]/[řátu] \*[rátu]

réu [Réu]/[řéu] \*[réu]

rifa [Rífa]/[řífa] \*[rífa]

Nesta posição ouve-se já seja a vibrante múltipla [ř] ou a uvular [R].

E— [r] não ocorre numa posição contígua a uma consoante neutra, com a qual tenha que partilhar o ponto de articulação.

1. Não se realiza à direita de 1º e de nº.

(5)a. abalro [αbálRu]/[αbálřu] \*[αbálru]

chilro	[ʃilRu]/[ʃilřu]	*[ʃilru]
melro	[mélRu]/[mélřu]	*[mélru]
palrar	[palRár]/[palřár]	*[palrár]
b. enrolar	[ěRulár]/[ěřulár]	*[ěrulár]
enredo	[ěRédu]/[ěřédu]	*[ěrédu]
honra	[ǫRα]/[ǫřα]	*[ǫrα]
tenro	[těRu]/[těřu]	*[těru]

2. [r] não se realiza à esquerda de l° e de n°, o mesmo acontecendo ao som [R].

- (6)a. Carlos [kářlu] \* [káRlu] \* [kárlu]  
 orla [ǫřlα] \* [ǫRlα] \* [ǫrlα]  
 parlamento [pařlαmětu] \* [paRlαmětu] \* [parlαmětu]
- b. carne [kářn] \* [káRn] \* [kárn]  
 lanterna [lǫřtěřnα] \* [lǫřtěRnα] \* [lǫřtěrnα]  
 maternal [matǫřnál] \* [matǫRnál] \* [matǫrnál]  
 turno [túřnu] \* [túRnu] \* [túrnu]

A análise dos dados anteriores mostra que o som [r], se estiver só num ataque, terá que encontrar-se numa posição internuclear. A justificação deste comportamento está na natureza da consoante que, além de ser neutra é fraca em termos da sua composição interna de elementos— [r] R°—. Assim, a Língua impede o seu surgimento numa posição forte, como é o início de palavra, e quando lhe é exigido que desempenhe o papel de regente para com outro som.

Um som, ou rege ou é regido (Kaye1988). Na posição de regido, é fácil encontrar-se um [r]. Observámo-lo na posição de complemento nos ataques ramificados e na posição de coda, na

rima. Daqui se depreende a impossibilidade de [r] de entrar em posições silábicas em que tenha que desempenhar um papel de regente, e justifica-se, ao mesmo tempo, a escolha de um som mais forte nessas mesmas posições. Passemos, agora, à explicação silábica deste fenómeno.

## 2. A representação silábica de R/ř

### 2.1 R/ř no início de palavra e em posição internuclear

No início de palavra, como em posição internuclear, ambas as consoantes— R/ř— podem surgir.

Silabicamente, as palavras *rato* e *carro*, têm o aspecto seguinte:

(7)

A	N	A	N
x	x	x	x
ř	a	t	u
R			

(8)

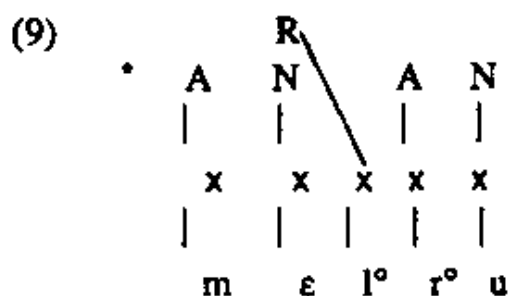
A	N	A	N
x	x	x	x
k	a	ř	u
		R	

### 2.2 R/ř à direita de consoante neutra

Observamos que a vibrante simples [r] não se realiza à direita das consoantes neutras 1° e n°. Neste contexto observa-se ou um {ř} com vibrações múltiplas ou, alternativamente, a uvular [R]. Iremos saber as razões do comportamento destes sons assim como as estruturas silábicas que lhes correspondem. Para isso, observem-se novamente os exemplos de (5.a) e (5.b).

Nestes exemplos existe uma consoante neutra à esquerda de R/ř, 1° nos exemplos de (5.a) e n° nos exemplos de (5.b). A interdição de sequências de segmentos com "charm" neutro, com

igual ponto de articulação deve-se à impossibilidade de se estabelecerem relações de regência entre elas. Veja-se o exemplo de (9).



O encontro de l<sup>o</sup> com r<sup>o</sup> daria como resultado uma estrutura silábica sem possibilidades de regência interconstituente entre os segmentos, já que r<sup>o</sup> pelo seu "charm" e pela sua formação interna de elementos não tem possibilidades de reger l<sup>o</sup>. Nesta situação, só uma consoante mais forte é que poderá governar através da sua complexidade. Daí que surja neste ponto um segmento mais complexo, capaz de dominar a consoante à sua esquerda e de governá-la num governo interconstituente, mesmo quando o seu "charm" não muda. O governo neste caso estabelece-se pela complexidade dos segmentos (Kaye 1988:13).

Como resultado, temos que uma sequência *lr* não existe em português, da mesma forma que *nr* também não existe porque fonologicamente estão interditas. À direita de l<sup>o</sup> ou n<sup>o</sup> ouve-se uma consoante mais complexa— [R] ou [r̄] —.

### 2.3 [r̄] à esquerda de consoante neutra

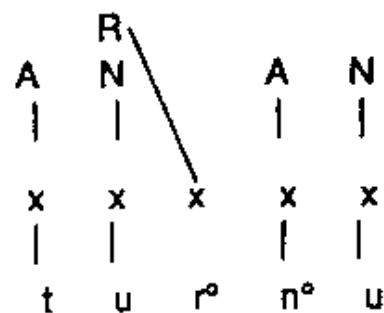
Tal como acontecia à direita das consoantes neutras, à sua esquerda a vibrante simples [r] não ocorre. Mas, ao contrário do que observámos relativamente à possibilidade de comutar [r̄] e [R] nos contextos anteriores, à esquerda das consoantes neutras

apenas [r̄] se regista. Compare os pares de palavras seguintes: turma/turno; termo/terno. Enquanto que nas palavras *turma* e *termo* se pronuncia um [r] simples, em *turno* e *terno*, o [r̄] tem vibrações múltiplas. Iremos procurar explicar o comportamento destes sons começando por analisar as representações silábicas seguintes :

(10)



(11)



No exemplo de (10), [r] une-se à rima e é governado tanto pela vogal desta como pela consoante do ataque à sua direita. Embora as consoantes sejam ambas neutras, dá-se uma regência por complexidade - [m] é mais complexo do que [r]-. A mesma explicação deveria aplicar-se aos sons [r] e [n] já que [n] é mais complexo do que [r]. Contudo, não é isso o que observamos.

Pensamos que o problema, neste caso, não é apenas de regência mas tem a ver com a natureza interna das consoantes em causa. Quando dois segmentos neutros não podem partilhar o mesmo ponto de articulação, repelem-se para evitar os efeitos de OCP2. É possível, portanto, que as consoantes [r] e [n] procurem afastar-se por essa razão.

Esta nossa hipótese fortalece-se quando estudamos o comportamento de outro par de sons neutros, l° e n°. n° é a versão

2. OCP é a forma abreviada de "Obligatory Contour Principle", proposto por Leben(1973).

nasal de 1º, por assim dizer. As suas composições internas são idências à excepção do elementó N+(nasal) que entra na formação de nº. Essa razão é suficientemente forte para que estes sons não apareçam em posições contíguas.

A impossibilidade de encontro de nº e lº ou de nº e rº fica bem patente na prefixação de *in-* em palavras começadas por lº e por R/r̄. Nestas palavras, a forma do prefixo é [i] e não [ɪ]. Julgamos que o facto de existir junto à vogal a consoante nasal, desencadeie os efeitos de OCP e impeça a realização da nasal. É o caso, por exemplo, nas palavras:

ilegal, ilegítimo, ilimitado

irresistível, irremediável, irreparável

### 3. A vibrante múltipla [r̄] à esquerda de lº e de nº

A impossibilidade de realização de [R] à esquerda de lº e de nº prende-se não propriamente com razões de regência, visto que a consoante neste ponto não tem qualquer papel de regência para com o som à sua esquerda, mas sim com razões de natureza silábica, propriamente. Estudámos a razão por que [r] não se realiza nesta posição ; resta-nos saber por que é que [R] também fica impossibilitado de entrar neste ponto.

Podemos colocar duas hipteses quanto à representação lexical das palavras que, como *turno* aceitam [r̄] e não [R] antes de [n]:

1— é a de que exista um núcleo vazio entre [r̄] e [n].

2— é a de que [r̄] se prenda à rima.

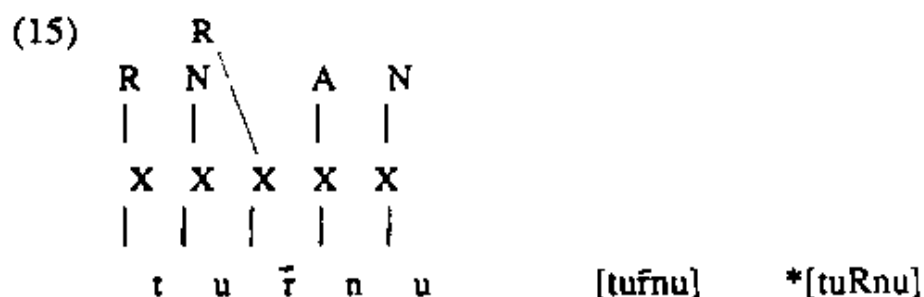
Testaremos, primeiramente a 1ª hipótese. Veja-se para isso a representação lexical da palavra *turno* em (12).





o núcleo à sua esquerda. Por consequência, se existisse um núcleo vazio entre r-n, este teria que ser pronunciado pelo facto do núcleo à sua direita não o poder reger. Por outro lado, no caso de existir um núcleo vazio entre r-n, o som [r] poderia realizar-se, como se pode depreender da pronúncia das palavras: *perenal* vs. *pernalta*.

Resta-nos adoptar a segunda hipótese que consiste em unir a consoante [r̃] à rima.



Observámos que [R] em Português se liga somente a posições de ataque. Pensamos que o facto de não existirem estas condições silábicas à esquerda das neutra n<sup>o</sup> e l<sup>o</sup> justifique a impossibilidade de comutação da uvular pela dento-alveolar neste ponto.

### CONCLUSÃO

Iniciámos este trabalho perguntando-nos a razão por que a uvular [R] comuta com a dento-alveolar [r̃] em todos os contextos excepto quando está seguida de consoante neutra. Concluímos que existem razões de ordem silábica que justificam plenamente este comportamento.

### REFERÊNCIAS

- Kaye, J., J. Lowenstamm e J.-R. Vergnaud (1988) "Constituent structure and government in phonology". Ms. London: SOAS.
- Leben, W. (1973) Suprasegmental Phonology, Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Mass.